

## CYRO MARTINS E A REVISTA *PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO*

Fábio Varela Nascimento  
PUCRS

Em junho de 1945, o mundo respirava o final da Segunda Grande Guerra. Havia pouco mais de mês que Hitler se suicidara no *bunker* de Berlim e os efeitos da bomba atômica, solta pelos americanos no *front* oriental, ecoavam, espantosos, na humanidade. No Brasil, que lutara com os Aliados contra os fascistas, Getúlio Vargas, revolucionário e ditador, estava próximo de completar quinze anos no poder, mas sentia que o seu Estado Novo caminhava para a velhice e a morte. Na capital da província mais ao sul do Brasil, um primo de Vargas, Ernesto Dornelles, seguia como chefe no Palácio Piratini – do alto da Praça da Matriz, ele guiava o Rio Grande do Sul. Descendo a ladeira até a Rua da Praia e ao prédio da Livraria do Globo, Moysés Vellinho<sup>22</sup> (1902-1980), um advogado com reconhecido papel intelectual no Estado e no País, também desempenhava a função de guia. Ele dirigia a revista *Província de São Pedro*, que lançava, naquele junho de 1945, com o selo da Editora Globo, seu primeiro número. No editorial de estreia, a *Província* deixava claros os seus objetivos: acolher as obras de inteligência, preservar os elementos fundamentais da tradição local sem se afogar nas águas rasas do regionalismo. O periódico não se deteria, apenas, às discussões localistas. Ainda que trouxesse em seu título o antigo nome do Estado, todos os assuntos atrelados à cultura seriam do interesse da *Província de São Pedro*.

Em artigo publicado na *Letras de Hoje*, Alice Moreira (2001, p. 37) afirma que, para a criação da *Província*, as circunstâncias históricas do Rio Grande do Sul foram favoráveis: “à maturidade de uma empresa de livreiros sensíveis aos anseios de desenvolvimento da comunidade, aliou-se uma geração privilegiada, cujo talento fora aprimorado na tradição jornalística e acadêmica”.

A *Província* se diferenciava das outras publicações da Globo. Segundo Moreira (2001), o *Almanaque do Globo* e a *Revista do Globo* eram destinados a um público mais abrangente – a última, por exemplo, mostrava acontecimentos locais, nacionais e mundiais, nas áreas política, cultural e esportiva, contemplando ainda a moda, a culinária e o humor. Já a *Província* tinha outro alvo, pois “era constituída maciçamente por textos, dirigia-se, assim, a um público mais selecionado” (MOREIRA, 2001, p. 37). Talvez por visar a um tipo seletivo de público e por não buscar lucros, a *Província* não trazia anúncios publicitários. Mesmo sem patrocinadores de fora da Globo, a revista teve 21 números, com média de 180 páginas nas quais predominavam os artigos ligados à literatura, e perdurou até 1957, quando, devido aos seus custos de produção, foi retirada de circulação.

Durante seus doze anos, a *Província* contou com a colaboração de nomes como Guilhermino Cesar, Augusto Meyer, Carlos Dante de Moraes, João Pinto da Silva, Manoelito de Ornellas, João Otávio Nogueira Leiria, Vianna Moog, Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Mário Quintana,

<sup>22</sup> Em 1945, além de ter atuado como advogado, chefe de gabinete de Oswaldo Aranha e deputado estadual, Moysés Vellinho já havia publicado trabalhos significativos na área da crítica literária: *Letras da Província* (1944), *Machado de Assis: aspectos de sua vida e sua obra* (1944), *Eça de Queirós e o espírito da rebeldia* (1945).

Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido e outros. Além de nomes de relevo, a revista também apresenta números expressivos<sup>23</sup>: 2200 obras e 1000 autores citados, 700 poemas ou fragmentos de poemas apresentados, 473 artigos de crítica literária e 65 contos publicados.

Entre esses dois últimos números, aparece um nome significativo para o presente trabalho – Cyro Martins<sup>24</sup>. É o rastro de Cyro na *Província de São Pedro* que será perseguido neste estudo.

Aqui, a noção de rastro está ligada à ideia que o estudioso francês Paul Ricoeur traz em *Tempo e narrativa*. Para ele (2010, p. 212), o rastro é um resto do passado, um conector. Através do resto, do rastro, “[...] a narrativa histórica ‘refigura o tempo’”. Unido a esse pensamento de refiguração, vem o de trilha – o rastro faz aparecer, aponta um caminho ao passado e, por isso, ajuda a refigurá-lo. Através dos rastros de Cyro na *Província*, uma parte de seu caminho intelectual pode ser refigurada.

É possível separar os rastros do autor da *Trilogia do gaúcho a pé* na revista em dois grupos. Em um deles, encontram-se as participações ativas de Cyro: conto, artigo, questionário respondido. No outro, estão as participações passivas, que abrangem os textos críticos nos quais a obra do escritor é tratada ou mencionada.<sup>25</sup>

Para analisar as duas formas de atuação de Cyro na *Província de São Pedro*, este trabalho tratará, no primeiro momento, da participação ativa do escritor e, depois, da passiva. Dentro de cada um dos momentos, prevalecerá a ordem cronológica de participações. Quando elas ocorrerem no mesmo número, a paginação será o item organizador.

Na seção “Escreveram neste número” (v. 1, n. 2, p. 186), ao lado de um desenho do seu rosto, Cyro é retratado da seguinte maneira:

nasceu em Quaraí, neste Estado. É um escritor inteiramente voltado para os problemas e as condições de vida do nosso homem do campo. Quando fazia o curso médico, em Porto Alegre, iniciou-se na literatura regionalista tendo publicado na imprensa local seus primeiros contos, antes de 1930. Desde então, vem aumentando e enriquecendo sua bagagem literária, que já agora consta de *Campo fora*, contos, *Sem rumo*, novela, e *Enquanto as águas correm*, *Mensagem errante* e *Porteira fechada* romance.

A descrição é importante e destaca aspectos do intelectual em questão. Cyro desempenha dois papéis, o de médico e o de escritor, é oriundo do interior, de uma cidade situada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, tem, portanto, ligação com o campo e seus habitantes e isso reflete no seu fazer literário. Outra informação relevante é a de que Cyro, após se ter iniciado na literatura chamada regionalista, enriquecia sua “bagagem literária”, pois, além dos trabalhos surgidos na imprensa<sup>26</sup>, já havia publicado cinco livros. Para alguém dividido entre os caminhos da medicina e

<sup>23</sup> Os números foram retirados do já citado texto de Alice Moreira e encontram-se entre as páginas 41 e 43.

<sup>24</sup> Dentre todo o material presente na *Província de São Pedro*, detenho o recorte à figura de Cyro Martins por tratar desse autor na minha proposta de tese intitulada *Um intelectual campo fora: Cyro Martins (1908-1995)*.

<sup>25</sup> Existe um rastro que não pode ser colocado em nenhum dos dois grupos. No v. 2, n. 4, p. 169-170, na seção intitulada “Resenha”, há uma notícia que informa a criação, em maio de 1945, do clube de Cultura Popular Euclides da Cunha. Entre os nomes que palestraram durante o primeiro ano da entidade está o de Cyro Martins. A notícia mostra que Cyro estava inserido de várias maneiras no sistema cultural do Estado – publicava literatura, crítica e proferia conferências.

<sup>26</sup> Em *Para início de conversa* (1990:51-52), Cyro fala das suas publicações na imprensa antes da estreia de *Campo fora*: “[...] nessa época eu ainda estava muito verde, mas já rabiscava os meus contos, também regionalistas. Publiquei um ou dois desses n’ *A gazeta*, de Alegrete, o mais antigo jornal do Rio Grande do Sul. Estreei na imprensa de Porto

da escrita, Cyro enchia sua bagagem com certa rapidez, pois um período de dez anos separava as publicações citadas.

A intensidade da produção de Cyro não se repetiu na *Província*. No catálogo da revista<sup>27</sup>, é possível observar que ele foi autor de textos em apenas duas ocasiões. A primeira delas foi ainda em 1945 (v. 1, n. 2, p. 59-62). Nessa oportunidade, Cyro escreveu um artigo intitulado “Notas sobre Alcides Maya”, no qual conta como conheceu o autor que lia desde os dezesseis anos e discorre sobre alguns pontos da obra alcidiana. No encontro com Alcides Maya, Cyro estava acompanhado do amigo e também escritor Augusto Meyer, que teve a função de apresentar o jovem Cyro, membro de um grupo alcidista, a um dos expoentes da literatura sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX.

Logo nas primeiras linhas (1945, p. 59), encontra-se um depoimento do leitor Cyro Martins que mostra o efeito da obra de Alcides Maya nele e em sua geração:

Naquela idade, líamos Alcides Maya com devoção, suprindo as dificuldades que os requintes da linguagem por vezes opõem ao leitor comum, com a compreensão do sentido das suas narrativas, em geral muito singelas quanto ao enredo, e talvez por isso mesmo de profunda e comovente harmonia com a realidade campeira que ele viu.

Desse testemunho, pode-se tirar significativas reflexões de Cyro sobre a produção alcidiana. A primeira delas é dirigida à linguagem do autor, que, sendo um tanto rebuscada, tornava-se uma barreira para a compreensão dos seus textos por parte dos leitores não iniciados. O rastro sobre a linguagem de Maya, deixado por Cyro na sua primeira contribuição para a *Província*, permanece em outras avaliações feitas ao longo de seus trabalhos críticos. No artigo “Alcides Maya”, presente no livro *Escritores gaúchos* (1981), Cyro trata dos textos ensaísticos e literários de Maya. Quanto a esses últimos, afirma que o uso de “palavras raras e desusadas” é um dos fatores que somam contra o escritor. Em *Para início de conversa*, obra de caráter memorialístico dividida com Abrão Slavutzki, falando da influência que Alcides Maya teve na sua escrita, Cyro (1990, p. 95-96) diz: “De Alcides, evitei, ao natural, a sua maneira rebuscada de escrever, por vezes excessivamente verbosa. Eu sempre procurei a simplicidade, a frase transparente, construída com as combinações que o vocabulário cotidiano permite”.

Por outro lado, na mesma citação retirada do segundo número da *Província*, Cyro ressalta as qualidades que via na literatura de Alcides Maya – enredos singelos e comoventes. Em *Para início de conversa* (1990, p. 96-97), Cyro também se refere a outros aspectos positivos dos livros de Maya:

Mas as personagens típicas que pôs de pé nas suas páginas, o realismo das suas descrições e ao mesmo tempo a visão exaltada da querência e sua gente, fruto do temperamento romântico, tudo isso imprimiu à paisagem física e humana do Rio Grande do Sul um cunho de originalidade no panorama social brasileiro.

Além das personagens marcantes e as belas paisagens retratadas por Alcides Maya, Cyro assinala que o autor de *Ruínas vivas* já havia se preocupado com o tema do gaúcho marginalizado no ensaio “Colonização nacional” presente no livro *Crônicas e ensaios*, de 1918. Assim, não eram

---

Alegre com um conto “O Laranja Velho”, no *Diário de Notícias*. Tinha então 17 anos”. (Grifei os nomes dos periódicos que não estão em itálico no original)

<sup>27</sup> Para consultar o catálogo da *Província*, utilizei o CD-ROM *Revista Província de São Pedro (1945-1957)* – catálogo e texto, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob a coordenação dos professores Elvo Clemente e Alice Moreira.

de todo justas as acusações de que Maya seria “um escritor puramente acadêmico, cuja obra pairasse distante das aflições do povo” (MARTINS, 1945, p. 61).

Por todo o “Notas sobre Alcides Maya”, observam-se as impressões que o vulto de Maya causavam em Cyro: “Tive a revelação do literato.” (MARTINS, 1945, p. 61), “A presença de Alcides Maya é inesquecível.” (MARTINS, 1945, p. 61). Nesse seu primeiro rastro na *Província de São Pedro*, Cyro não mostra somente seu lado de crítico literário. Ele deixa aparecer, com mais clareza até, a face do leitor apaixonado, do consumidor de literatura.

A segunda participação ativa de Cyro Martins na *Província de São Pedro* acontece com as respostas dadas ao questionário intitulado “Três perguntas sobre Eça de Queirós”<sup>28</sup> (v. 1, n. 3, p. 25), que levantava as seguintes interrogações:

- 1) A seu ver, quais as razões da vitalidade e atualidade da obra de Eça de Queirós?
- 2) Se houve influência da obra de Eça, até que ponto ela se exerceu na sua formação literária?
- 3) Escritores do caráter literário de Eça de Queirós são espíritos construtivos ou não?

As respostas de Cyro não são muito esclarecedoras, porém, tiram-se delas algumas ideias que ele tinha sobre o escritor português. Para Cyro, a vitalidade da obra de Eça estava no fato de o autor de *Os Maias* ter ficado um tanto fora da paisagem humana que havia retratado. Já a atualidade se matinha devido à sobrevivência do estilo e da ironia impressos por Eça. No tocante ao “espírito construtivo”, Cyro tergiversa na resposta, mas conclui que “embora trabalhando com o obscuro material que é a língua portuguesa, Eça de Queirós contribuiu para despertar, no espírito dos homens, o anseio por uma estrutura melhor do mundo que continua inacabado” (v. 1, n. 3, p. 25). Quanto às influências de Eça na sua obra, Cyro afirma que não saberia demonstrá-las.

Recorrendo a algumas de suas palavras em *Para início de conversa*, é possível perceber um pensamento mais claro de Cyro Martins em relação a Eça de Queirós:

De Eça sempre admirei a limpidez da forma, a captação dos esconderijos da mente e o colorido das descrições das gentes. E mais, o dom de captar a sordice e a velhacaria dos safados, como o Padre Amaro, o Raposo e inúmeros outros. E também quero ressaltar o seu amor pela humanidade, manifestada através duma literatura de sorrisos irônicos e pensamentos amplos como o mundo. (MARTINS, SLAVUTZKI, 1990:96)

A última participação ativa de Cyro na *Província* (v. 2, n. 6, p. 123-128) não se dá como crítico das produções alheias, se dá como produtor, com o conto “É bicho mau, o homem”<sup>29</sup>. A narrativa curta foi publicada integralmente na revista e apresenta o seguinte enredo: um jovem no balcão de um bolicho da campanha ouve a história que lhe conta Fulgêncio Nunes, homem que experimentou a riqueza e a decadência. Quando trabalhava como bolicheiro, Fulgêncio ajudou um carreteiro que esteve à beira da morte. Por muitos dias, Fulgêncio abrigou o desconhecido e o homeopata que viera tratá-lo. Depois de ter a saúde restabelecida, Pedro, que revelara seu nome logo após o arrefecimento da doença, resolveu partir para encontrar a família. Fulgêncio, então, emprestou-lhe sua junta de bois. O tempo passava, Pedro não devolvia os animais e ainda mandava recados desaforados a Fulgêncio. Na última tentativa de reaver os bois, Fulgêncio pede ao irmão, Alfredo, que passe na casa de Pedro e traga-lhe os bichos. Pedro recebe mal Alfredo e, após uma briga, o último assassina o primeiro.

<sup>28</sup> Os nomes que responderam ao questionário foram: Erico Verissimo, Carlos Dante de Moraes, Mário Quintana, Othelo Rosa, Reynaldo Moura, Manoelito de Ornellas, Hamilcar de Garcia, Athos Damasceno, Vidal de Oliveira, Darcy Azambuja e Dyonélio Machado.

<sup>29</sup> Esse conto foi publicado em 1968, no livro *A entrevista*.

“É bicho mau, o homem” demonstra um forte intertexto com João Simões Lopes Neto e seu conto “O boi velho”, presente no livro *Contos gauchescos* – a epígrafe (“– Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem”) deixa isso bem claro. Além dessa evidência ululante, outras, um pouco mais discretas, também podem ser observadas. Tanto a história de Simões Lopes Neto quanto a de Cyro Martins trabalham sob o signo da ingratidão. Se, na narrativa do pelotense, a ingratidão envolve homens e animais, pois, depois de servir a seguidas gerações da mesma família, o velho boi é carneado, na narrativa do quaraense a ingratidão se detém aos humanos.

Outra marca que revela o intertexto com Simões Lopes Neto é a técnica do interlocutor com função de escriba. No final da abertura dos *Contos gauchescos*, depois do vaqueano Blau Nunes ser apresentado, uma ordem pode ser lida: “Patrício, escuta-o!” (NETO, 1998, p. 35). Blau Nunes vai contar as histórias e faz isso, especialmente, para o “vancê” que anota suas peripécias. Fulgêncio, que divide o sobrenome com Blau, não é tão andado como ele, mas tem experiência de vida, uma vez que foi bolicheiro, estancieiro, chefe político e passou pelas agruras da falência. Fulgêncio também quer que seu caso seja registrado e é direto quando fala com seu jovem ouvinte: “Me disseram, menino, que tu gostas de escrever histórias de gaúchos. Pois eu vou te contar uma, mas com a condição de que tu a escrevas. Compreendes?” (MARTINS, 1946, p. 124).

É com essa espécie de tributo a João Simões Lopes Neto que Cyro Martins encerra suas participações ativas na *Província de São Pedro*.

Os rastros passivos de Cyro Martins na *Província*, por sua vez, chegam ao número de nove. O tamanho desses rastros é bastante diversificado, podendo variar de uma pequena citação a um estudo mais extenso.

O texto intitulado “Simões Lopes Neto” (v. 1, n. 1, p. 103-113), assinado por Augusto Meyer, está entre os rastros menores e traz uma breve menção a Cyro Martins. Mesmo sendo curta, ela é importante: “Quando for lançada uma antologia do regionalismo gaúcho de A. Porto Alegre a Cyro Martins, o que representa mais de meio século, nas suas escalas principais não serão revelados apenas alguns nomes de segunda ordem.” (MEYER, 1945, p. 105). A afirmação de Meyer apresenta tom elevado, já que classifica Cyro Martins como escritor de um determinado tipo e o coloca em uma das “pontas” do regionalismo.

Adjetivar um autor como regionalista, moderno ou pós-moderno é uma questão problemática, pois a adjetivação depende, primeiramente, da definição – quase impossível – dos termos regionalismo, modernismo e pós-modernismo. Em *Literatura brasileira: modos de usar*, Luís Augusto Fischer (2013, p. 55) dedica um capítulo a discutir o regionalismo e, logo de início, declara: “Entre as questões mal resolvidas na cultura brasileira está aquela que atende pelo nome de Regionalismo.” Outro exemplo que mostra a dificuldade de entendimento do termo pode ser vista no artigo “O regionalismo literário e a *Província de São Pedro*”, de Carlos Alexandre Baumgarten. Após analisar os textos da *Província* que trabalhavam com a ideia do regionalismo, Baumgarten (1997, p. 73) elabora questões como: “O que se deve entender por regionalismo na literatura sulina? Qual a sua abrangência?”.

Quando classifica Apolinário Porto Alegre e Cyro Martins como expoentes do início e do fim do regionalismo, Augusto Meyer tem, em seu horizonte, uma ideia do que é o regionalismo, porém, ele não repassa essa ideia ao leitor.

Para contrapor o ponto de vista de Meyer, é interessante buscar outro depoimento de Cyro em *Para início de conversa* (1990, p. 64): “Não sou um regionalista, embora tenha tratado

demoradamente e com amor temas da campanha.” Cyro não se insere no adjetivo, mas deixa visível um conceito: regionalista é quem trata dos temas da campanha.

Entre os rastros mais extensos que debatem a obra de Cyro está o escrito por Moysés Vellinho (v. 1, n. 1, p. 147-150). O estudo leva o título de “Paz nos campos” e nele se desenvolvem considerações sobre *Porteira fechada*, que viera a público pouco antes da *Província*, em 1944. Vellinho inicia sua crítica comparando *Porteira fechada* com o livro que o sucedeu, *Mensagem errante*. Segundo Vellinho, *Mensagem* apresentava um tom mais individual, enquanto *Porteira* voltava-se para a realidade externa e possuía uma vigorosa significação social. Para Vellinho (1945, p. 147), as personagens de *Porteira fechada* eram:

Simples acidentes de uma realidade surda que os colhe, os arrasta e absorve na sua massa sem brilho, são apenas comparsas desprevenidos de um drama enorme e apagado cujas medidas vão muito além dos escassos limites de sua consciência. Nada mais que isso.

João Guedes e os outros estavam à mercê das vontades dos grandes proprietários e não tinham como lutar contra o vendaval econômico que assolava a campanha e os desprovia do chão em que pisavam. Moysés Vellinho destaca que, em *Porteira fechada*, se via um autor realista, que não se deixou “acometer pelo pessimismo” (1945, p. 147), mas nem por isso falava do Rio Grande heroico, ao contrário, abordava a crise social e econômica que se alastrava pelo Estado e provocava o êxodo rural. Páginas mais tarde (1945, p. 149), Vellinho justifica, de certo modo, a ausência de heroicidade na então última narrativa de Cyro: “não é possível fomentar vocações heroicas com a dieta da miséria”.

Em um dos últimos parágrafos de seu ensaio, Moysés Vellinho (1945, p. 150) indica o tom sombrio que paira sobre *Porteira fechada*: “O romance é amargo e opressivo. A desgraça vem vindo, vem crescendo contra essa gente desarmada, e acaba engolfando tudo em sombra”. A sombra aludida por Vellinho é a culpada pela paz nos campos. Ela carrega a desgraça, desabriga o gaúcho, joga-o nas margens da cidade, deixa-o a pé.

Afonso Arinos de Melo Franco (v. 1, n. 1, p. 155-158), intelectual renomado, membro da Academia Brasileira de Letras, também tece, na *Província de São Pedro*, na seção chamada “Transcrições”<sup>30</sup>, comentários sobre *Porteira fechada*. Em estudo sem título, Franco analisa, juntamente com esse romance, *Frenteira agreste*, do jornalista e romancista Ivan Pedro de Martins. Para Afonso Arinos (1945, p. 155), o primeiro completa o segundo, contudo, unidos, os dois “não formam um conjunto, um todo, mas um esboço inacabado”.

Há pontos congruentes entre os romances. Aparece nas páginas de ambos a humanidade triste, servil e até mesmo escrava. Segundo Arinos (1945, p. 156), nas duas narrativas também se nota um lado fronteira e outro porteira:

O lado fronteira é esta enganosa liberdade, destino oprimido e terrível de judeu errante, que faz com que os homens não ancorem na vida como não ancorem no amor, na terra, na casa: porque a vida não é deles, como também não o são o rancho, o campo ou a “china” linda. O lado porteira fechada é representado pelos obstáculos intransponíveis que se opõem àqueles que forcejam por emancipar-se de tal pretensa liberdade.

A “enganosa liberdade” aludida por Arinos e a falta de ancoragem de certos homens errantes, desgastados pelos embates com as diversas porteirolas fechadas, deixam margem para a interpretação de que certos sujeitos “errantes” não param, simplesmente, pelo fato de não terem onde parar.

<sup>30</sup> O texto foi publicado, originalmente, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro.

Ainda no tocante às convergências, Afonso Arinos sublinha, nos dois livros, sua ausência completa de religiosidade. Além disso, o crítico enfatiza que ambos ensinam mais do que interessam literariamente. Esse julgamento, se, por um lado, despe as obras de certa aura literária, por outro, veste-lhes a roupagem de importante mensagem social e humana.

As divergências relaçadas por Arinos estão localizadas no plano estético de *Porteira fechada* e *Frenteira agreste*. Para ele (1945, p. 157), “não se pode negar que as qualidades descritivas e poéticas são seguramente mais fortes em Ivan Pedro de Martins”; no entanto, “Cyro Martins foi, sem dúvida, mais feliz no acabamento do seu livro. Construiu com mais técnica seu romance, sabendo introduzir nele uma ocasião”. Sendo assim, *Frenteira agreste* apresentaria mais beleza enquanto *Porteira fechada* teria melhor estrutura.

O texto de Afonso Arinos de Melo Franco é um demonstrativo de como a obra de Cyro Martins foi recebida fora do Rio Grande do Sul. Esse rastro pode ser percebido graças às transcrições da *Província de São Pedro*.

Dentro do Estado e da *Província*, Dyonélio Machado, outro escritor gaúcho lança mão da obra de Cyro – no curto artigo “Os fundamentos econômicos do regionalismo” (v. 1, n. 2, p. 128-130). Deixando claro seu ponto de vista ideológico, ligado ao comunismo, Dyonélio busca discutir a literatura pelo vezo econômico. Para ele, havia uma história econômica e social por trás das artes e essa história deveria estar no âmago das discussões sobre o regionalismo.

Segundo Dyonélio Machado, existia uma oposição entre regionalismo e localismo. No grupo dos regionalistas estariam os “clássicos”, como Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja, no dos localistas, Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins. A diferença dos dois grupos poderia ser explicada através do caminho econômico tomado pelo Rio Grande do Sul.

Tanto o regionalismo quanto o localismo exploravam a pecuária e o que as diferenciava era esse tema comum. Enquanto a “pecuária do tempo do Regionalismo era uma forma híbrida de produção e guerra” (MACHADO, 1945, p. 128), a pecuária do localismo era industrializada e pacificada. Dyonélio Machado acreditava que Cyro Martins, com os livros *Mensagem errante* e *Porteira fechada*, estava conectado ao localismo.

No breve texto “O drama do gaúcho enxotado”<sup>31</sup> (v. 1, n. 3, p. 168), publicado na seção “Arquivos” da *Província de São Pedro*, depois do pequeno ensaio “Fazendas que se despovoam e decaem”, de Edgard de Vasconcelos, Manoel Domingues trata de *Porteira fechada*. Da primeira à última linha, Domingues elogia a obra de Cyro Martins. Ressalta o “estilo claro, bem cuidado, sem pernosticismos enervantes” com que o escritor aborda “o drama do gaúcho enxotado do seu *habitat* natural – os pampas” e a tese máxima do romance “o êxodo dos campos para a cidade”.

Com “O drama do gaúcho enxotado” e a seção “Arquivos”, pode-se notar, outra vez, a recepção e o rastro de Cyro Martins projetados além das fronteiras do Estado.

O ensaio “De Blau Nunes a João Guedes” (v. 2, n. 4, p. 152-154), elaborado pelo advogado Adail Moraes, já no título, expõe a ideia de que há dois tipos de gaúchos representados na literatura gaúcha: o Blau Nunes de Simões Lopes Neto e o João Guedes de Cyro Martins. Moraes (1946, p. 152) ainda entende que: “O gaúcho de Cyro Martins e de Ivan Pedro de Martins não é, com efeito, o mesmo de Simões Lopes Neto.” Descontente com esses dois extremos, principalmente aquele em

<sup>31</sup> Publicado, originalmente, no *Correio da Manhã*, de São Paulo.

que está colocado Cyro, Adail sustenta a ideia de que se deve procurar, pelo interior do Estado, um meio termo.

O texto de Adail não se detém muito na figura de Cyro Martins, apenas toma-o como ponto de chegada e logo o abandona. Dessa maneira, é um rastro quase apagado na *Província*.

Ao contrário de Adail Moraes, José Salgado Martins deixa um rastro mais visível de Cyro no texto “Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense” (v. 3, n. 10, p. 105-108). Depois de desenvolver considerações sobre Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja, Martins direciona seus olhos para Cyro com a afirmação de que esse autor deu “sentido novo” (1945, p. 107) ao regionalismo gaúcho, pois lhe introduziu uma nota mais persistente de universalismo.

Conforme Martins, com *Sem rumo*, uma obra original surgiu no cenário regionalista, houve uma relativa libertação dos velhos temas e a preocupação com o destino do gaúcho pobre. Martins ainda cita *Porteira fechada*, que, segundo ele, se distanciou ainda mais do regionalismo tradicional, e *Mensagem errante*, que era, no seu ponto de vista, o livro mais bem executado de Cyro.

José Salgado Martins insere Cyro Martins na corrente chamada regionalista, mas também o aponta como escritor de temas universais, deixando, assim, um forte rastro para a refiguração do caminho intelectual do autor da *Trilogia do gaúcho a pé*.

O jornalista, poeta e tradutor João Otávio Nogueira Leiria, em uma das suas contribuições para a *Província de São Pedro* (v. 6, n. 16, p. 136-139), desenvolveu o estudo intitulado “Erico Verissimo e os novos rumos do romance gaúcho”. Seu foco no ensaio recaí sobre a obra de Erico, principalmente *O tempo e o vento*, que, na sua opinião, era o livro que o Rio Grande do Sul esperava. Entretanto, Leiria afirma (1951, p. 138) que Cyro Martins levou para o regionalismo o debate de temas sociais e contribuiu para a “universalização” da literatura regional.

No texto “Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense” (v. 9, n. 19, p. 7-18), o historiador Carlos Dante de Moraes traça um painel da vida literária desde o século XIX até a década de 1950 do século XX. Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira, Simões Lopes Neto, Alcides Maya e outros desfilam pelas páginas do estudo antes de ser encontrado o nome de Cyro Martins. Dante de Moraes se detém, por breves momentos, à obra do escritor quaraiense e diz (1954, p. 17) que os problemas da atualidade – de 1954 – estavam na obra de Cyro, que, juntamente com Ivan Pedro de Martins, tinha “em face dos regionalistas como Alcides Maya, uma atitude realista, desabusada, antissentimental”. Moraes ainda afirma (1954, p. 17) existir, em *Porteira fechada*, uma “sobriedade psicológica” que atinge o trágico.

A recuperação dos rastros de Cyro Martins na revista *Província de São Pedro* auxilia na refiguração do percurso intelectual de um indivíduo que estava inserido de diversas formas no sistema cultural do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Apenas com os rastros presentes na *Província*, é possível apreender que Cyro era dado a diversas atuações, pois desempenhava, em um mesmo periódico, o papel de ficcionista, crítico literário e palestrante – além de ter sua produção discutida ou mencionada em um número significativo de textos.

O rastro deixado por Cyro Martins na *Província* é forte nas primeiras edições da revista, mas enfraquece gradativamente. Em 1945, ano inaugural da *Província*, a publicação de *Porteira fechada* era recente, porém, depois desse romance, Cyro permaneceria dez anos em silêncio literário. Nesse período, o escritor seria deixado um pouco de lado para dar espaço ao psicanalista – papel que largaria outros rastros do intelectual Cyro Martins.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O regionalismo literário e a *Província de São Pedro*. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 68-73, 1997.
- DOMINGUES, Manoel. O drama do gaúcho enxotado. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 168, 1945.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 155-158, 1945.
- LEIRIA, João Otávio Nogueira. Erico Verissimo e os novos rumos do romance gaúcho. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 155-158, 1945.
- MACHADO, Dyonélio. Fundamentos econômicos do regionalismo. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 128-130, 1945.
- MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- \_\_\_\_\_. É bicho mau, o homem. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 2, n. 6, p. 123-128, 1946.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre Alcides Maya. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 59-62, 1945.
- \_\_\_\_\_. SLAVUTZKI, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.
- MARTINS, José Salgado. Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 3, n. 10, p. 105-108, 1947.
- MEYER, Augusto. Simões Lopes Neto. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 103-113, 1945.
- MORAES, Adail. De Blau Nunes a João Guedes. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 152-154, 1946.
- MORAES, Carlos Dante de. Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 7-18, 1954.
- MOREIRA, Alice Campos. Revista *Província de São Pedro: órgão por excelência da província brasileira*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 37-44, 2001.
- NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 147-150, 1945.

